

A RETEXTUALIZAÇÃO HIPERTEXTUAL EM MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL PARA A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

HYPERTEXTUAL RETEXTUALIZATION IN DIDACTIC DIGITAL MATERIAL FOR E-LEARNING

Débora Liberato Arruda Hissa*
debarruda@gmail.com

Nukácia Meyre Silva Araújo**
nukacia@gmail.com

Este artigo tem como propósito descrever o processo de retextualização hipertextual por meio do qual o material didático digital (MDD) passa antes de ser postado em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) para os cursos de Educação a Distância (EaD). O *corpus* de pesquisa é constituído de todas as versões escritas de 25 webaulas produzidas por uma equipe multidisciplinar do curso de Licenciatura em Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT). Nomeamos o processo de retextualização hipertextual como uma atividade textual de adaptação e regularização do gênero webaula, produzido tradicionalmente no meio impresso, para o novo suporte textual (o Moodle). Em nosso estudo, vimos que a retextualização hipertextual acontece pelo acréscimo de recursos visuais, auditivos e hipertextuais; pela substituição de textos escritos por textos orais e/ou visuais; e pela reordenação estrutural dos fatores de contextualização típicos de textos didáticos. Ao final do artigo, concluímos que há uma estreita relação entre a retextualização hipertextual em MDD e a transposição didática multimodal, já que, em ambas as atividades, há um movimento de adaptações discursivas e de reelaboração da linguagem em função da esfera enunciativa do Ambiente Virtual de Aprendizagem na qual o gênero é veiculado.

Palavras-chave: Retextualização hipertextual. Produção de Material Didático Digital. Educação a Distância.

This research has as purpose to describe the hypertextual retextualization process by which the didactic digital material goes through before being posted in the Virtual Learning Environment for E-learning. The research *corpus* consists of every written version from the 25 web classes produced by the multidisciplinary team from the Undergraduate Course in Professional and Technological Education course (EPCT). The hypertextual retextualization process phase involves adapting and regularizing the genre style to the new textual support (the Moodle); adding visuals, auditory and hypertextual resources; the replacement of written texts for oral and/or visual texts; along with structural reordination of the typical contextualization factors of didactic texts. At the end of the study, we concluded that there is a close relationship between the discursive

* Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6075-5585>.

** Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1951-0417>.

genre, the hypertextual retextualization and the didactic transposition, since that in both activities there is a discursive adaptation movement and language re-elaboration.

Keywords: Hypertextual retextualization. Production of Didactic Digital Material. E-learning.

•

1. Introdução

Este estudo surge a partir de uma inquietação, como pesquisadoras em Linguística Aplicada, sobre como se dava o processo de escrita colaborativa de MDD para a EaD. Para observar tal processo, fizemos um estudo de caso no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), localizado na cidade de Fortaleza, quinta maior cidade do Brasil¹ em termos de população. Na produção de material didático digital, o IFCE tem como especificidade o engajamento de uma equipe multidisciplinar que agrega, além de designer educacional, diagramador, ilustrador, revisor da área de Linguística Aplicada que trabalham aspectos de textualidade concernentes ao texto didático.

Em nossa pesquisa², descrevemos todas as fases do processo de produção do material didático digital, categorizamos as etapas, identificamos os sujeitos que escreviam o texto de forma colaborativa e estabelecemos o termo retextualização hipertextual para nomear a última etapa do processo de produção, que finda com a postagem do gênero webaula no AVA.

No decorrer do estudo, vimos que há três principais dimensões das práticas discursivas que constroem e co-determinam o processo de produção do material didático digital: 1. a escrita como processo, 2. a transposição didática multimodal, e 3. o processo colaborativo de produção. Em outros textos (Araújo & Hissa 2014, 2016), discutimos a forma de textualizar e de realizar as operações linguísticas desenvolvidas pelos autores do material didático digital, bem como as etapas de revisão e interação feita de forma colaborativa. Neste artigo, analisamos e descrevemos a etapa de reelaboração do MDD no formato impresso para o gênero webaula. A esta etapa demos o nome de retextualização hipertextual. Esta atividade vigora como a estratégia final de produção do gênero webaula, antes de ser postado no AVA e de ser disponibilizado para os alunos que estudam na modalidade a distância.

A fim de que possamos entender o percurso que trilhamos para definir a atividade de retextualização hipertextual, dividimos o artigo em três partes: a primeira traz estudos teóricos sobre retextualização tanto em textos orais como em textos escritos (Dell'Isola 2007; Marcuschi 2007; Matencio 2002, 2003, 2013); a segunda traz a nossa proposta de

¹ Dado obtido no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) <<https://www.ibge.gov.br/>> Consultado em: mar. 2019.

² Esta pesquisa se deu no decorrer dos estudos de doutoramento no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e teve o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Trata-se de uma fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* em todos os estados do país.

categorização da atividade de retextualização hipertextual em textos didáticos multimodais produzidos para o gênero webaula e disponibilizados no AVA; e a terceira elenca as principais estratégias discursivas feitas na atividade de retextualização hipertextual para o gênero webaula.³

Antes, porém, acreditamos que seja importante destacar que a atividade de retextualização hipertextual que analisamos e definimos está atrelada ao contexto de produção de MDD para cursos de graduação e pós-graduação na modalidade a distância. Neste contexto enunciativo, a retextualização hipertextual, como definimos, se caracteriza por ser uma etapa de transformação do MDD em webaula, com a inserção de imagens, recursos interativos, imagens, vídeos, animações, áudio, *links*, para a sua postagem no AVA. Tais atividades são feitas de forma colaborativa pelos sujeitos que participam da produção do MDD (designer educacional, revisor textual, diagramador e ilustrador).

Para compor o *corpus* desse artigo, analisamos 25 webaulas do curso de Licenciatura Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT), em todas as suas versões (*online*), até se converterem em webaulas para serem postadas no AVA.⁴ As webaulas analisadas neste estudo foram elaboradas de forma colaborativa pela equipe de produção da Diretoria de Educação a Distância (DEaD) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

2. A atividade de retextualização

Em um curso na modalidade a distância, entre os vários recursos e gêneros textuais disponíveis para o aluno, há uma divisão de conteúdos – os quais, por questões didáticas, são separados em aulas. Essas aulas podem configurar-se em suporte papel (em cursos em que há produção de material impresso em forma de livro), mas principalmente se realizam no suporte tela. As aulas que se configuram no suporte tela e que são mediadas pela *Web* são o que chamamos webaulas. Seria possível ter, assim, por exemplo, em um curso de 40h/a, um conjunto de quatro webaulas como um dos materiais didáticos digitais disponíveis para o aluno.

O gênero webaula destinado à EaD no IFCE, contexto de nosso estudo, é produzido não apenas pelo professor, mas também por outros profissionais, que compõem uma equipe multidisciplinar. Nessa equipe estão, entre outros, o designer educacional, o revisor textual, o diagramador, o pesquisador iconográfico e o ilustrador. Na equipe de produção, todos trabalham para construir o MDD adequado aos objetivos de ensino traçados e ao público a quem se destina. Nesse processo, alguns aspectos em especial são observados: a estrutura composicional material, o tom didático do texto, a utilização de recursos multimodais e interativos, a adaptação do texto impresso para o formato web,

³ As webaulas que analisamos fazem parte de grade curricular de dez disciplinas do curso de Licenciatura em Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT). Elas são estruturadas no AVA de acordo com a carga horária da disciplina. No geral, uma webaula fica disponível no AVA para o aluno por uma semana. A estrutura da webaula do IFCE se configura a partir do tipo de curso, dos interlocutores a quem se destina, do propósito de ensino-aprendizagem estabelecido e dos recursos de interatividade que são utilizados para que a webaula tenha características hipertextuais.

⁴ O AVA utilizado no IFCE é o Moodle <<http://ead.ifce.edu.br/login/index.php>>.

entre outros. A webaula seria, assim, um gênero da esfera de atividade acadêmico-didática cuja enunciação se dá por meio de um processo de produção colaborativa.

Considerando-se a importância, no contexto da EaD, da produção do MDD – o qual compreende o conteúdo informativo das disciplinas; as tarefas e atividades propostas associadas a elas; os recursos multimodais e hipertextuais interativos utilizados; o tom dialogal utilizado na escrita –, destacamos que estamos trabalhando neste estudo com a categoria da retextualização, levando em consideração que o material textual que foi retextualizado pela equipe multidisciplinar tem como ponto de partida a aula impressa que foi entregue aos alunos em formato de MDD e encaminhada para os polos em que os cursos a distância acontecem.⁵

Isso posto, iniciemos nosso percurso teórico. Neste estudo sobre retextualização, tomamos como base principal Marcuschi (2007). O autor, a partir da noção defendida por Travaglia (1993), amplia o conceito de retextualização e define esse fenômeno como uma nova textualização, isto é, como um processo de transformação de um texto em outro do mesmo gênero ou de gênero diferente, mantendo-se a base informacional do texto de origem.

Marcuschi explica que a retextualização pode ocorrer entre textos escritos, entre textos orais, mas que também pode acontecer este processo com a mudança de modalidade discursiva; isto é, com a mudança de textos escritos para textos orais, e de textos orais para textos escritos. O linguista, porém, ressalta que a retextualização não é um processo mecânico, tendo em vista que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Isso significa dizer que o processo de retextualização envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e que evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem compreendidos da relação oralidade-escrita (Marcuschi 2007, p. 46).

A respeito da clareza de condições do funcionamento do novo texto, Marcuschi salienta que há um aspecto importante, o qual é frequentemente ignorado nas atividades de retextualização: a compreensão (Marcuschi 2007, p. 47). O autor explica que, para dizer de outro modo, em outra modalidade ou em outro gênero, o que foi dito/escrito por alguém, deve-se compreender o que foi que esse alguém disse ou quis dizer. Com isso, Marcuschi põe em destaque que a atividade cognitiva da compreensão deve ser anterior a qualquer atividade de transformação textual, caso contrário, podem ocorrer diversos problemas no plano da coerência no processo de retextualização.

Em seus estudos sobre retextualização, Matencio (2003) afirma que essa atividade envolve tanto a relação entre gêneros e textos (o fenômeno de intertextualidade) quanto as relações entre discursos (a interdiscursividade). A autora explica que retextualizar é produzir um novo texto, por isso toda e qualquer atividade propriamente de retextualização implica, necessariamente, mudança de propósito. Para Matencio, ao retextualizar, o sujeito opera, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação da linguagem, visto que produz um novo texto. Retextualizar seria, então, a atividade de redimensionar a projeção de imagens entre interlocutores, de seus papéis sociais e

⁵ Essa explicação é necessária para que fique claro que a retextualização nesse contexto acontece entre o MDD que será impresso e a webaula correspondente.

comunicativos, dos conhecimentos compartilhados, das motivações e das intenções, do espaço e do tempo de produção/recepção, ou seja, seria uma atividade de atribuir novo propósito à produção textual.

No que se refere à atividade de retextualização de um texto escrito para outro texto escrito, Matencio (2002, p. 111) observa que este processo não pode ser confundido com a atividade de reescrita, já que reescrever/revisar um texto é uma atividade distinta de produzir um novo texto a partir de um que lhe antecede na leitura. Segundo Matencio, retextualizar implica operações linguísticas semelhantes às aquelas envolvidas na reescrita (acréscimo, supressão, substituição e deslocamento), porém, no que se refere às operações textuais e discursivas, essa semelhança é bem menor, uma vez que as variáveis que interferem nos processos de reescrever e retextualizar não se comportam de forma semelhante.

Marcuschi (2007, p. 54) explica que há basicamente quatro variáveis que interferem na atividade de retextualização: 1. o propósito ou o objetivo da retextualização; 2. a relação entre o produtor do texto original e o transformador; 3. a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização; e 4. os processos de formulação típicos de cada modalidade da língua.

No que se refere ao propósito, primeira variável, a atividade de retextualização pode evidenciar uma diferença bastante acentuada no nível da linguagem do texto, por exemplo. Isso ocorre porque a retextualização não é indiferente aos objetivos e propósitos do texto. Sendo assim, alguns textos, ao serem retextualizados, recebem tratamento linguístico muito diferenciado.

Já no que concerne à relação entre o produtor do texto original e o transformador/retextualizador, lidamos com duas premissas básicas: o texto pode ser retextualizado pela mesma pessoa que produziu o original ou por outra(s) pessoa(s). Sobre estas premissas, Marcuschi (2007) chama-nos atenção para o seguinte ponto: caso a retextualização tenha sido feita pelo próprio autor do texto/gênero, notam-se mudanças muito mais drásticas no novo texto/gênero; o que não acontece quando quem faz a retextualização do texto base é outra pessoa (diferente do autor do texto original). Conforme Marcuschi observou em seus estudos, essa outra pessoa que não é o autor do texto base fará menos mudanças no conteúdo⁶, ainda que possa fazer muitas intervenções na forma.

Com relação à terceira variável – a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização – existem também níveis diferentes de alterações que dependem tanto na modalidade da língua (oral ou escrita) como do gênero para o qual o texto será retextualizado. Marcuschi explica que a transformação de um gênero textual oral para o mesmo gênero textual escrito produz modificações menos drásticas do que se a transformação fosse feita de um gênero para outro gênero. Isso significa dizer que a formulação típica de cada modalidade é um fator que demandará menos

⁶ Esse fato, como veremos nas seções seguintes, também foi percebido em nossa pesquisa, já que lidamos com retextualizadores que não foram os autores do texto-base do material didático digital.

mudanças/adaptações se compararmos às mudanças que ocorrem no processo de retextualização entre diferentes gêneros.

Em se tratando da quarta variável, que se refere aos processos de formulação típicos de cada modalidade, Marcuschi (2007) explica que há estratégias de produção vinculadas a cada uma delas, como a eliminação ou a introdução de algumas formas linguísticas, de correções relacionadas à norma padrão. Outras estratégias, porém, afetam a estruturas discursivas, o léxico, o estilo, a ordenação tópica, a argumentatividade do texto base. Elas estariam ligadas à reordenação cognitiva e à transformação propriamente dita, que atinge a forma e a substância do conteúdo pela via da mudança na qualidade da expressão (Marcuschi 2007, p. 55). Aqui compreendemos esta mudança como alteração no estilo do texto, tendo em vista que novos propósitos comunicativos serão acionados para um novo contexto enunciativo.

Vimos, assim, que essas quatro variáveis que interferem na atividade de retextualização explicam que aspectos (como o propósito comunicativo, o espaço e tempo de produção, bem como a modalidade da língua) constituem-se como determinantes para as condições de produção/recepção e são importantes para os resultados da retextualização. Esse pressuposto defendido por Marcuschi conversa diretamente com a ideia de Dell'Isola (2007) de que no processo de retextualização devem ser consideradas as condições de produção, de circulação e de recepção dos textos. Segundo a autora, as operações envolvidas no processo de retextualização permitem ao indivíduo refletir sobre a produção textual, o que propicia uma posição ativa na atividade de comunicação.

Essa posição ativa implicada na atividade de retextualizar, explica Dell'Isola, é um desafio advindo da leitura do texto e da transformação de seu conteúdo em outro gênero. Seria, assim, esse desafio que torna a retextualização uma atividade interessante, uma vez que envolve tarefas como a leitura; a compreensão; a observação e o levantamento de características do texto lido; a identificação do gênero, com base na leitura e compreensão; a retextualização, produção de um texto a partir de outro; a conferência, com base na verificação se o texto produzido atende às condições de produção e é fiel ao conteúdo do texto lido; a identificação das características do gênero-produto da retextualização; e a reescrita, orientada pela conferência e pela identificação.

No que se refere especificamente à tarefa da reescrita como parte da atividade de retextualização, Ribeiro e d'Andrea (2010, p. 65) ponderam que não há consenso entre os linguistas e pesquisadores de áreas afins sobre os conceitos e as ações de retextualização, revisão, edição e reescrita. Segundos os autores, embora haja uma tentativa de muitos pesquisadores de apresentarem diferenças e limites entre tais termos – e embora essas tentativas sejam pouco conclusivas – em vários estudos, dois ou mais desses conceitos são citados como sinônimos.

Por isso, Ribeiro e d'Andrea se esforçaram na tentativa de caracterizar a atividade de retextualização, a fim de mostrar os limites estreitos por que perpassam as definições dadas pelos principais autores que estudaram o processo, sobretudo no que se refere à diferença entre retextualização e reescrita. A partir das leituras que fizeram dos textos de Marcuschi (2007), Dell'Isola (2007) e Matencio (2002), Ribeiro e d'Andrea iniciam o seu trabalho de delimitação e depuração do conceito de retextualização com foco na diferenciação dessa atividade e a atividade de reescrita.

Segundo Ribeiro e d'Andrea (2010), tanto para Marcuschi como para Dell'Isola, enquanto a reescrita trata-se da refeitura (refacção) do mesmo texto, a retextualização se dá pela passagem de uma modalidade para outra, ou seja, da modalidade escrita para a modalidade oral ou vice-versa. Dessa forma, a retextualização seria uma modificação mais ampla do texto, inclusive podendo alterar o meio em que ele é produzido/veiculado; enquanto a reescrita “só poderia ocorrer do escrito para o escrito. Dessa distinção, pode-se propor que toda retextualização é reescrita, mas nem toda a reescrita gera uma retextualização” (Ribeiro & d'Andrea 2010, p. 66).

Já para Matencio (2002), segundo os autores, toda a atividade de retextualização implicaria necessariamente na mudança de propósito, pois se produz um novo texto; enquanto na reescrita haveria apenas um refinamento do mesmo texto, o que não altera o propósito do texto.

Há pontos nessas articulações conceituais propostas por Ribeiro e d'Andrea que nos geram alguns questionamentos e reflexões. Por exemplo, no que se refere à definição de Marcuschi (2007) de retextualização, de fato, ele a constrói tomando como base as relações de transformação entre a modalidade escrita e a oralidade; porém, no mesmo texto, Marcuschi apresenta um quadro com quatro possibilidades de retextualização que seriam a) fala → escrita; b) fala → fala; c) escrita → fala; e d) escrita → escrita. Logo, para Marcuschi, haveria retextualização também entre textos da mesma modalidade e não só entre modalidades diferentes como o próprio autor define. Do mesmo modo, se a reescrita só poderia acontecer, segundo Ribeiro e d'Andrea, entre textos escritos, nem toda retextualização seria uma reescrita, já que haverá retextualizações entre textos orais e textos escritos.

No que se refere à ideia de Matencio (2002) sobre a produção de um novo texto (novo gênero) e a conseqüente mudança de propósito, temos que levantar uma discussão sobre o propósito comunicativo que não foi considerada pela autora quando colocou o propósito como elemento que define o conceito de retextualização. Tomemos, pois, para refletirmos sobre este ponto específico da atividade de retextualização, os pressupostos de Swales (1990) sobre propósito comunicativo. Para Swales, o propósito comunicativo é um aspecto menos evidente e demonstrável do que a forma, logo, se o propósito de alguns gêneros é difícil de determinar, enfatizar a sua primazia pode exigir que o analista desenvolva um razoável esforço de investigação independente e sem preconceitos, oferecendo, dessa forma, proteção contra uma classificação simplista apoiada em traços estilísticos e crenças estabelecidas (Swales 1990, p. 46).

Em outro texto mais recente, Swales e Askehave (2009) defendem que a opinião de especialistas em estudos de linguagem sobre os propósitos comunicativos de dado texto não apresenta, em última análise, mais credibilidade do que a opinião de outras pessoas, uma vez que eles, os especialistas, em uma comunidade de prática, assim como os demais sujeitos, podem não concordar, obviamente, no que diz respeito ao propósito de um dado gênero. Por isso, também levando em consideração esta premissa, vemos que “apontar o propósito comunicativo de um texto ou categoria de texto não é sempre uma tarefa fácil ou rápida” (Swales & Askehave 2009, p. 226). Logo colocar a definição de retextualização subordinada à mudança de propósito, como propõe Matencio (2002), parece-nos pouco consistente e eficiente.

A partir dessa última reflexão sobre os propósitos e mudança de gênero discursivo, sugerimos, a título de ilustração, as seguintes questões: seria possível afirmar, por exemplo, que houve a atribuição de um novo propósito a uma notícia que foi veiculada no jornal impresso e depois retextualizada para ser apresentada em um programa de TV ou para ser debatida em um programa de rádio? Neste caso, poderíamos concluir que, embora tenha havido um processo de retextualização, houve necessariamente uma mudança de gênero discursivo? O gênero deixaria de ser notícia ou deixaria de ter como propósito primário a necessidade de informar?

Diante de tais ponderações, acreditamos, assim, que relacionar o conceito de retextualização às mudanças de modalidade, de propósito ou de gênero pode causar controvérsias que demandariam outras premissas sobre retextualização que nos parecem pouco produtivas para o que defendemos neste estudo. Dessa forma, tendo em vista os pressupostos vistos nesta seção, marcamos nossa posição de que compreendemos a atividade de retextualização como uma produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base – independentemente da mudança de modalidade da língua (escrita ou oral), independentemente da mudança de propósito ou da mudança de gênero – na qual o interlocutor desenvolverá, ao retextualizar, estratégias linguísticas, textuais e discursivas tendo em vista uma nova situação de interação. É a partir dessa premissa que vamos desenvolver nossa ideia de retextualização hipertextual.

3. A atividade de retextualização hipertextual

Como, neste estudo, nosso contexto de pesquisa perpassa sobremaneira o texto acadêmico-didático, acreditamos que seja interessante uma pequena reflexão sobre a atividade de retextualização no ensino-aprendizagem de gêneros. Benfica (2012, p. 29) observa que a retextualização está presente nos trabalhos sobre o Ensino de Língua Portuguesa e que, mesmo que o termo *retextualização* não seja utilizado, tal prática discursiva tem sido adotada constantemente como atividade para o ensino de produção de gêneros orais e escritos. Benfica, porém, comenta que tal prática de produção é proposta nos livros didáticos sem levar em consideração o funcionamento dos gêneros textuais em foco. A autora entende retextualização como a produção de um novo texto a partir de um texto-base, por isso ter clareza das condições de funcionamento do novo texto seria de grande relevância, uma vez que permite ao retextualizador planejar sua escrita em função do propósito discursivo, do interlocutor e do circuito comunicativo previsto para o gênero. Para Benfica (2012, p. 32), retextualizar é uma atividade que realiza “um movimento que engloba desde a organização das informações e formulação do texto, passando pela construção dos modos de referência, dos tipos textuais, chegando até o esquema global do gênero e os aspectos discursivos, que remetem ao evento de interação do qual o texto emerge”.

A fim de ampliar a discussão destes movimentos descritos por Benfica, propomos relacioná-los aos quatro aspectos envolvidos no processo de retextualização sugeridos por Marcuschi (2007, p. 69): 1. aspectos linguísticos, 2. aspectos textuais, 3. aspectos discursivos, e 4. aspectos cognitivos. Para cada um desses aspectos, encontramos operações que atuam ora mais no código, ora mais no discurso, ora mais na tipologia

textual. Há ainda os aspectos cognitivos cujas operações são mais complexas e menos trabalhadas, distribuindo-se ao longo de todas as demais operações. Marcuschi, porém, salienta que não é simples distinguir entre as operações linguístico-discursivas de um lado, e operações cognitivas de outro. O autor acredita que essa distinção seja apenas metodológica, uma vez que não podemos realizar uma sem a outra. Elaboramos uma Figura, a fim de apresentar do que se trata cada uma dessas operações constituintes do processo de retextualização.

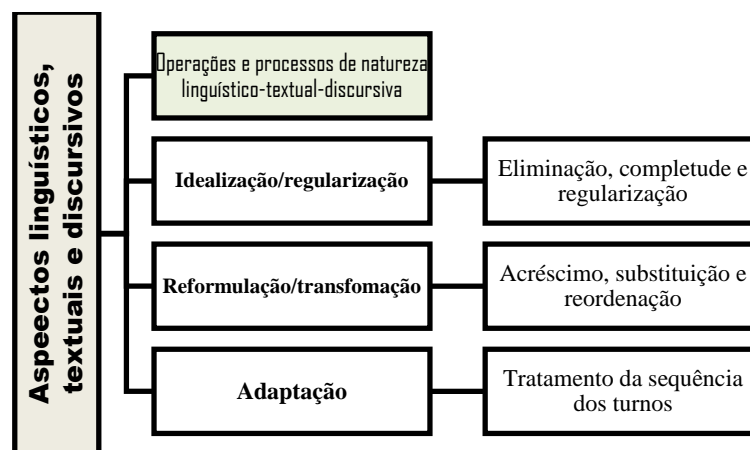


Figura 1. Aspectos e operações linguístico-textual-discursivas.

Fonte: elaborada pelas autoras com base em Marcuschi (2007, p. 69).

Se observamos a Figura 1, vemos que há três principais operações linguístico-textual-discursivas: *idealização*, *reformulação* e *adaptação*, e que existe uma estreita semelhança, já notada por Hissa (2017), entre as operações descritas por Marcuschi (2007) na retextualização como idealização e reformulação (eliminação, completude e regularização; acréscimo, substituição e reordenação) e as operações descritas por Dell’Isola (2007) na atividade reescrita/revisão⁷ (adição, supressão, substituição e deslocamento). Já o que Marcuschi ‘chama de’ operação de *adaptação* seria o desenvolvimento de atividades especiais que não são tão corriqueiras na retextualização. Ele está se referindo ao tratamento dos turnos de fala ou ao tratamento da fala como conteúdo-temático, nos quais se usa um recurso metalinguístico muito complexo, como os verbos introdutórios de opinião em jornais, por exemplo. Embora caracterizada como atividade pouco frequente, será a partir da operação de adaptação que organizaremos a ideia de retextualização hipertextual elucidada neste estudo. Vamos entender por quê.

No contexto de análise deste trabalho, o MDD passa por um processo de produção mediado por interlocuções marcadas no texto até chegar à etapa de retextualização, na qual é feita uma adaptação do material digital (em formato de aula impressa) para o gênero webaula (em formato hipertextual). Essa adaptação consiste na eliminação de partes do texto escritas na fase de produção didática individual (Araújo & Hissa, 2016);

⁷ As semelhanças conceituais entre retextualização, revisão, edição e reescrita, como vimos na seção 1 deste artigo, foram salientadas por Ribeiro e d’Andrea (2010), por isso focaremos nossa atenção nas diferenças entre essas atividades. Queremos com isso caracterizar a retextualização como a principal atividade discursiva para a produção de MDD e sua transformação em webaula.

na regularização do estilo ao novo suporte textual (o Moodle); no acréscimo de recursos visuais, auditivos e hipertextuais (como *links*, por exemplo); na substituição de textos escritos por textos orais e ou visuais (recurso multimídia); além da reordenação estrutural dos fatores de contextualização típicos de textos didáticos (objetivos gerais da aula, títulos dos tópicos e objetivos específicos do tópico, ícones). São justamente essas adaptações feitas na atividade de retextualização, as quais têm como base um suporte (AVA) cuja hipertextualidade é um fator potencial na produção do gênero webaula, que nos dão subsídios para que caracterizemos esta atividade que ocorre no processo de produção de MDD não apenas como uma retextualização, e sim como uma retextualização hipertextual.

Tomando, pois, esta premissa como nossa orientação epistemológica, destacamos o truísmo que quaisquer operações linguístico-textual-discursivas só serão possíveis se o retextualizador fizer uma relação estreita entre atividade de retextualização e o novo texto que ele se propôs a produzir. Na Figura 2, a seguir, vemos que os aspectos cognitivos propostos por Marcuschi (2007) têm a ver com essa relação entre a retextualização e o gênero.

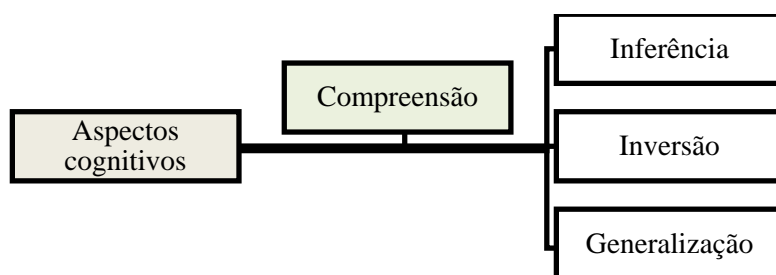


Figura 2. Aspectos cognitivos.

Fonte: elaborada pelas autoras com base em Marcuschi (2007, p. 69)

As operações de inferência, inversão e generalização relativas aos aspectos cognitivos categorizados por Marcuschi (2007) seriam aquelas trabalhadas na tarefa de reescrita/revisão descrita por Dell'Isola (2007). Fazendo uma relação dessas operações com o nosso contexto de análise, no que se refere à atividade de retextualização hipertextual do MDD para o gênero webaula, os sujeitos que escrevem de forma colaborativa *interferem* no texto (acrescentam, substituem, retiram elementos discursivos) a partir de uma *inversão* de papéis discursivos no processo de reversibilidade (na atividade de retextualização, ora os sujeitos são produtores, ora são leitores/avaliadores do texto) e ativam *generalizações* pertinentes ao gênero (percebidas nas interlocução entre os sujeitos que trabalham na retextualização).

Podemos então dizer que a revisão/reescrita faz parte da atividade de retextualização, como um procedimento dessa atividade. Assim, deduzimos que, em toda atividade de retextualização, encontramos uma operação de revisão, seja ela de natureza linguística, textual ou discursiva. Vejamos a seguir, nas Figuras 3 e 4, como se dá a passagem do texto impresso (*offline*), que está sendo retextualizado, para o texto da webaula (postada no AVA).

Nas Figuras 3 e 4, vemos uma versão do MDD que mostra a tarefa de revisão/reescrita feita tanto por meio das caixas de exclusão (que aparecem na lateral direita do texto) quanto por meio de inserção de expressões ou de recursos que figuram no novo texto já retextualizado e postado no AVA (Figura 4):

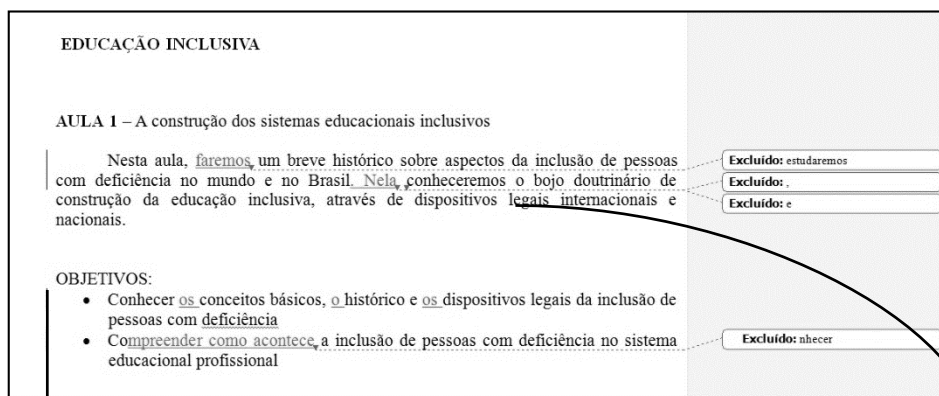


Figura 3. Aula 1 da disciplina de Educação Inclusiva: processo de revisão.

Fonte: DEaD, IFCE

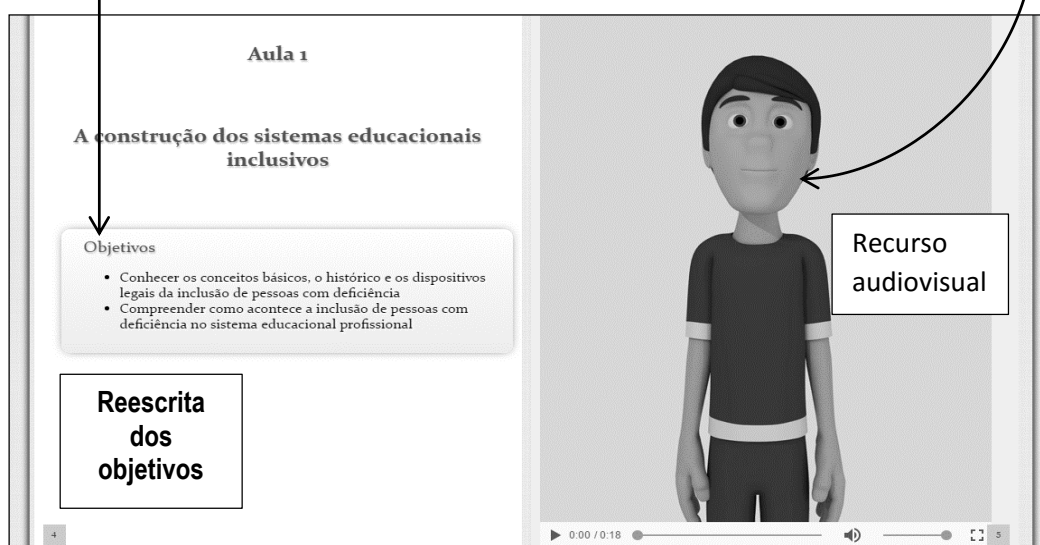


Figura 4. Aula 1 de Educação Inclusiva: webaula retextualizada hipertextualmente.

Fonte: DEaD, IFCE

Na Figura 3, vemos uma versão do texto do material didático (ainda em formato impresso) no processo de reescrita/revisão. Nela é possível observar operações de

reformulação/transformação (supressão de textos ou de parte do texto, e adição textos verbais) feitas pelo revisor textual.⁸

Já na Figura 4, podemos visualizar o MDD já no formato de webaula disponível no Moodle para os alunos que estudam em EaD. As setas entre as figuras indicam as modificações feitas no processo de retextualização hipertextual sofridas na tarefa de revisão/reescrita do texto da webaula. Há uma pequena revisão dos objetivos e uma transformação multi-hipertextual do texto escrito para o texto falado/oralizado pelo jovem (uma espécie de avatar) que apresenta a aula para os alunos em formato audiovisual. Trata-se de uma animação com movimentos e expressões feita pelo diagramador, sujeito que faz parte da equipe multidisciplinar e que também produz o MDD de forma colaborativa.

Em nosso contexto de análise, o IFCE, na atividade de retextualização hipertextual do material didático digital, os sujeitos que interferem no texto são principalmente o diagramador e o ilustrador. Eles trabalham no texto a partir das potencialidades hipertextuais e multimodais presentes no AVA, além, é claro, de sua habilidade em manusear tais recursos para efetivar a retextualização hipertextual da webaula.

Na atividade de retextualização, cada sujeito lida com o que Marcuschi denominou de principais operações linguístico-textual-discursivas. Por exemplo, o diagramador materializa as propostas e ideias de interatividade e hipertextualidade que o conteudista, o designer e o revisor indicaram nas versões do material didático digital, a fim de criar webaulas interativas, hipertextuais e multimodais que ofereçam não só informação e exposição teórica, mas também caminhos de leitura, por meio dos recursos hipertextuais, como os *links*. No âmbito da interatividade, são acrescidas ao gênero webaula fontes de pesquisa para os leitores, através de facilitadores discursivos, como ícones, gráficos, tabelas, quadros, áudio, vídeos, animações, etc.

A atividade de retextualização, assim, requer dos sujeitos interlocutores uma série de tomadas de decisão. Por exemplo, a estrutura do MDD deve ser adaptada para uma linguagem hipermídia no gênero webaula. Essa adaptação é feita pelos sujeitos que atuam na fase de escrita colaborativa. A retextualização hipertextual demanda uma adaptação na maneira de apresentar a informação da webaula com a inserção de recursos multimodais e hipertextuais, levando-se sempre em consideração o modo de interação que acontecerá entre material didático digital, webaula, AVA.

4. As operações de retextualização hipertextual

Como vimos, a fase de retextualização hipertextual se caracteriza por ser uma etapa de transformação do MDD (formato impresso) em webaula (formato hipertextual). Dessa forma, quando o MDD já passou por todas as idas e vindas necessárias para a transposição didática do conteúdo da disciplina, e quando já houve a negociação de sentidos sobre os aspectos pontuados no texto das versões do MDD, são feitas as adaptações/reformulações/transformações do texto em novo gênero. Essas adaptações

⁸ As marcações de reformulação podem ser percebidas tanto no corpo do texto (destaque para a alteração de cor da letra) como nas caixas de comentários alocadas à direita do texto principal.

mantêm a base informacional do texto de origem e envolvem operações que interferem na modalidade escrita → oral → hipertextual.

A seguir, vemos como a operação de adaptação, aqui compreendida como o tratamento do conteúdo verbal escrito para a modalidade de oral/visual, se dá na retextualização hipertextual do gênero webaula.

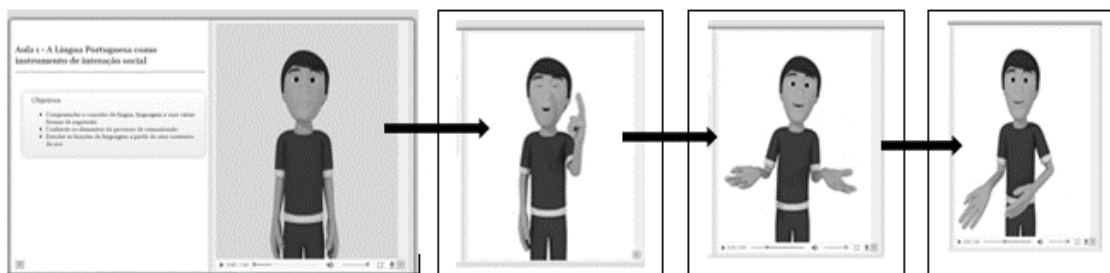


Figura 5. Retextualização hipertextual: do texto escrito para o texto oral/visual.

Fonte: DEaD, IFCE

Na Figura 5, percebemos a transformação do texto escrito presente no MDD (*cf.* Figura 3) para um texto multimodal e hipertextual, que trabalha as modalidades orais, gestuais e visuais como forma de imprimir interação entre o texto e os leitores a partir da virtualidade. Essa adaptação só é possível porque o AVA disponibiliza vários recursos interativos dos quais se valem os sujeitos que retextualizam o texto no formato de webaula.

Em nosso estudo, vimos que todas as 25 webaulas analisadas do curso de EPCT têm como característica a retextualização do texto escrito da apresentação da aula (escrita no material impresso) em um texto oralizado por um avatar (texto oral/visual). Este avatar de um jovem (que se assemelha a um aluno) apresenta, de uma forma interativa, a aula para os alunos que estudam a distância, a partir da adaptação do texto escrito para o texto audiovisual.

Como a adaptação do MDD se dá pela oralização na webaula feita pelo avatar do texto escrito, percebemos em nossa análise que a ‘fala’ do jovem é bastante elaborada, com poucas marcas comuns da oralidade (como repetições de itens lexicais, sintagmas, orações ou problemas de ordem sintática), sintética e organizada no que se refere à continuidade e à progressão (sem digressões que poderiam ocorrer na fala, por exemplo). As adaptações feitas para a modalidade oral/visual/interacional tentam, porém, trabalhar o tom dialogal do texto falado em situação espontânea de comunicação oral.

Ao analisar as tarefas de retextualização hipertextual feita pelos sujeitos, vimos que eles mantiveram a estrutura de apresentação de aula, por isso o texto final (oralizado pelo avatar) corresponde a uma reprodução completa da apresentação escrita com ênfase nos aspectos prosódicos característicos da fala e nos movimentos gestuais do avatar. Isso quer dizer que a retextualização confere ao texto uma ideia de turnos de voz, com pausas na fala do avatar e ênfases prosódicas em palavras-chave do texto.

Já no que diz respeito à adaptação da modalidade escrita para a oral, ainda com base em Marcuschi (2007), vimos que o texto escrito, ao passar para o texto falado, aumentou em volume e extensão, pois o texto retextualizado⁹ passa a ter enunciados que simulam uma maior interação.

Outra operação bastante comum na retextualização do MDD em webaula se assemelha àquilo que Marcurschi (2007, p. 61) chama de descontinuidade discursiva presente nas atividades de idealização. No caso da webaula, essa descontinuidade pode ser percebida nas inserções/acréscimos de ícone como recursos interativos e de *links* externos no meio do texto, os quais geram um deslocamento espacial (os alunos são encaminhados para outros textos e outros gêneros fora do conteúdo específico da disciplina da webaula). Esse deslocamento pode ocasionar uma ruptura tópica ou uma digressão e se configura em um procedimento que envolve aspectos de interação e da textualidade muito além de aspectos sintáticos de revisão/reescrita que acontecem nas retextualizações de textos falados para textos escritos.

Outra operação de acréscimo que só pode ser feita em ambientes hipertextuais é a inserção de vídeos na webaula. No exemplo a seguir (Figura 6), vemos o acréscimo de um vídeo na webaula e uma reformulação no texto no que se refere aos recursos interativos. Vejamos o acréscimo desses recursos:

⁹ Marcuschi (2007) levanta a hipótese de que a relação entre a fala e a escrita é fundamentada acima de tudo em diferenças de estilo. Para o autor, dentro da própria fala, há vários estilos, desde o mais formal (em geral automonitorado) ao mais informal (sem monitoramento).

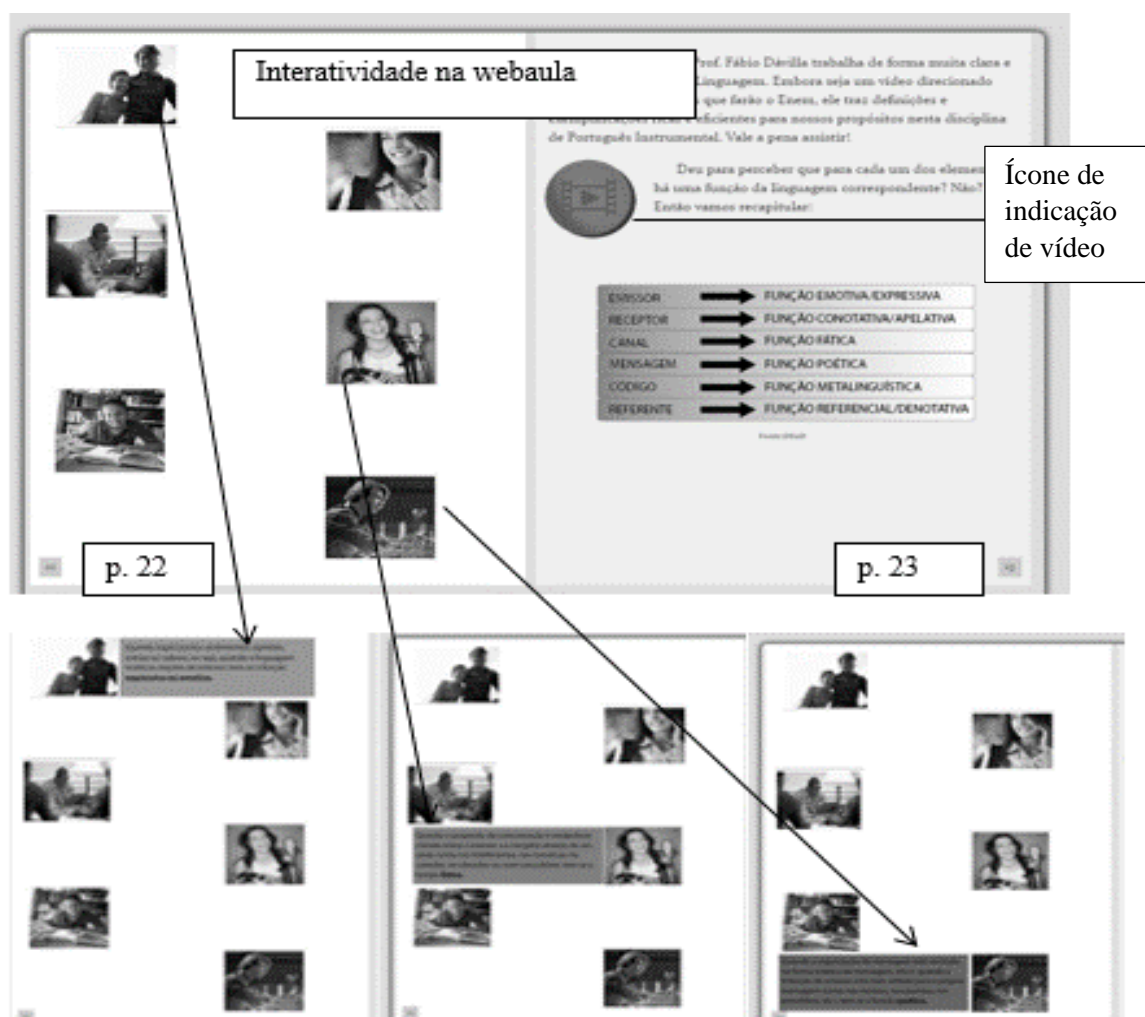


Figura 6. Recursos interativos e ícone com áudio.

Fonte: DEaD, IFCE

Pela Figura 6, observamos uma estratégia de interatividade feita pelo retextualizador hipertextual na webaula. A página 22 aparece para o leitor apenas com imagens sem nenhum recurso verbal. Entretanto, quando o aluno passa o mouse por cima da imagem, uma descrição de cada função da linguagem (tema do tópico da webaula) aparece para ele, conforme vemos na figura. Já a página 23 traz um ícone em formato de 'play' (comum em controles remotos de CDs e DVDs) que leva o aluno a um vídeo no *YouTube*.¹⁰ O vídeo é uma aula sobre funções da linguagem postada no canal *Aula livre*.

Vemos, assim, que a retextualização hipertextual não é um processo mecânico de inserção de recursos interativos e de *links* externos. Trata-se, pois, de um procedimento linguístico-textual-discursivo no qual é necessário que os sujeitos que praticam a atividade de retextualização hipertextual conheçam tarefas previstas para esta prática, bem como as possibilidades de operações viabilizadas pelo ambiente hipertextual do Moodle, sem, é claro, perder de vista o propósito de um gênero acadêmico/didático como a webaula. Essa compreensão reverbera na adaptação/reformulação do MDD para a

¹⁰ Acesso ao vídeo do *YouTube* presente no link <<https://www.youtube.com/watch?v=-SeDJyo8nJQ>>. Canal *Aula Livre*.

webaula e repercute diretamente no procedimento da retextualização. Por isso, provavelmente a tarefa de retextualizar depende muito da competência textual/comunicativa dos sujeitos envolvidos.

Em síntese, o processo que descrevemos neste tópico nos mostra algumas operações e estratégias de adaptação feitas no texto do MDD para que ele seja retextualizado hipertextualmente no gênero webaula.

5. Conclusões

A partir da análise da produção do MDD, vimos que a retextualização hipertextual é uma atividade discursiva que faz parte de um processo de produção colaborativa presente nos cursos de graduação e pós-graduação da modalidade a distância do IFCE. Esta atividade demanda uma série de tarefas, operações e estratégias discursivas que, quando desenvolvidas, culminarão na versão do gênero webaula postada no AVA. Dentre estas tarefas, está a transposição didática pertinente aos gêneros retextualizados (material didático e webaula), uma vez que os sujeitos que produzem o texto fazem uma transposição do saber científico-acadêmico para o saber didático-acadêmico, configurando um novo gênero (webaula) que será divulgado no AVA para que os alunos do curso de especialização tenham acesso.

Essas tarefas, como vimos pela análise das webaulas produzidas para o curso de EPCT, demandam adequações na linguagem (operações linguístico-textual-discursivas de idealização, reformulação e adaptação), criação de recursos interativos hipertextuais (*links*, ícones, vídeos, animações), adequação de novas modalidades da língua (do escrito para o oral) em virtude dos recursos interativos utilizados na atividade de retextualização. Vimos também que essas tarefas se efetivam dentro de um processo de produção de MDD cuja base é a colaboração entre os sujeitos retextualizadores que (re)elaboram os textos.

Outra constatação desse estudo versa sobre as operações de retextualização. Percebemos que nem todas as operações linguístico-textual-discursivas descritas por Marcuschi (2007) foram vistas na retextualização hipertextual das webaulas. Esse fato, porém, não significa que não houve retextualização, e sim que outros parâmetros acerca de operações de retextualização podem ser estabelecidos no que se refere a esse procedimento no contexto de produção do MDD e do gênero webaula. O próprio Marcuschi salientou em seu estudo que é possível ser concluída a atividade de retextualização em qualquer ponto do processo de adaptação do texto-base para o texto-alvo. Segundo o autor, isso significa que não se podem postular processos lineares, uma vez que não há critérios seguros para dizer o que pode mudar, o que pode ficar e o que deve sair em um texto no procedimento da retextualização.

Acerca do propósito comunicativo, enfatizado nos estudos sobre retextualização, percebemos também que o propósito comunicativo do MDD para a EaD é diferente do propósito de gêneros tradicionalmente acadêmicos. Isso se deve talvez a que, na produção de MDD, os sujeitos retextualizadores escrevem não para demonstrar o quanto sabem sobre o assunto ou o quanto têm desenvoltura acadêmica. Eles escrevem/produzem o material para ajudar o aluno a aprender. Por isso, conferimos ênfase a uma estreita relação entre os estudos sobre gênero discursivo, sobre a atividade de retextualização hipertextual

e sobre a transposição didática, tendo em vista que, em ambas as atividades (transportar e retextualizar), há um movimento de adaptações discursivas e de reelaboração da linguagem em função do novo gênero que está sendo produzido.

Por fim, elucidamos que uma interessante pesquisa derivada deste estudo seria analisar a forma de recepção do MDD por parte dos alunos que leem/acessam a webaula. Poder-se-ia fazer uma comparação entre as estratégias textuais utilizadas no texto do MDD e as operações de retextualização hipertextual para analisar se aspectos como a interatividade e recursos multimodais e hipertextuais favorecem o processo de aprendizagem de alunos que estudam na modalidade a distância. Assim, perceberíamos como a retextualização hipertextual em MDD promove a interação entre os estudantes e o texto informacional, estimula a construção de novos significados do texto e desenvolve novas competências e novos letramentos.

Referências

- Araújo, N. M. S. & Hissa, D. L. A. (2014). Processo de escrita de uma webaula: proposta de classificação das etapas da produção textual. *Revista Linguagem & Ensino*, 17 (3), 857–877.
- Araújo, N. M. S. & Hissa, D. L. A. (2016). A webaula à luz da escrita colaborativa: reflexões sobre uma produção didático-digital. *Revista Intersecções*, 18 (1), 187–202.
- Benfica, M. F. M. B. (2012). A noção de gênero e a retextualização: implicações pedagógicas. In R. L. P. Dell’Isola (Org.), *Gêneros textuais: o que há por trás do espelho?* Belo Horizonte: FALE/UFMG.
- Dell’Isola, R. (2007). *Retextualização de gêneros escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Hissa, D. L. A. (2017). *A webaula à luz da escrita colaborativa: análise de uma produção didático-digital* (Tese de doutoramento, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil).
- Marcuschi, L. A. (2007). *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. (7ª ed.) São Paulo: Cortez.
- Matencio, M. L. M. (2002). Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *Scripta*, 11, 109–122.
- Matencio, M. L. M. (2003). Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. *Anais do III Congresso Internacional da Abralin*. <<http://www.ich.pucminas.br/posletras/Referenciacao%20e%20retextualizacao.pdf>>. Consultado em: 15 abr. 2019.
- Matencio, M. L. M. (2013). Práticas discursivas, gêneros do discurso e textualização. In L. Bueno, M. A. P. T. Lopes & V. L. L. Cristovão (Eds.), *Gêneros textuais e formação inicial: uma homenagem à Malu Matencio*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Ribeiro, A. E. & d’Andrea, C. F. B. (2010). Retextualizar e reescrever, editar e revisar: Reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. *Veredas. Revista de Estudos Linguísticos*, 1, 64–74. <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-5.pdf>>. Consultado em: 15 abr. 2019.
- Swales, J. M. (1990). *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Swales, J. M. & Askehave, I. (2009). Identificação de gêneros e propósito comunicativo: um problema e uma solução possível. In G. B. Bezerra et al. (Eds.), *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe.
- Travaglia, N. (1993). *A tradução numa perspectiva textual* (Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil).

[recebido em 16 de novembro de 2018 e aceite para publicação em 24 de julho de 2019]